



CONVITE À LOUCURA

---

*Brennan Manning*



CONVITE À LOUCURA

*Brennan Manning*

TRADUZIDO POR SUELI SARAIVA



Editora Mundo Cristão  
São Paulo

CONVITE À LOUCURA  
Categoria: Espiritualidade

Copyright © 2005, por Brennan Manning  
Publicado originalmente por Harper San Francisco,  
uma divisão da Harper Collins Publishers, Nova York, EUA

*Título original:* The importance of being foolish

*Editora responsável:* Sílvia Justino

*Editor-assistente:* Omar de Souza

*Preparação de texto:* José Carlos Siqueira

*Revisão de provas:* Aldo Menezes

*Supervisão de produção:* Lilian Melo

*Colaboração:* Miriam de Assis

*Capa:* Douglas Lucas

*Imagem:* Stockphotos

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (Sociedade Bíblica Internacional), salvo indicação específica.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Manning, Brennan

Convite à loucura / Brennan Manning; traduzido por Sueli Saraiva —  
São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

Título original: The importance of being foolish

ISBN 85-7325-464-5

ISBN 978-85-7325-464-8

1. Conduta de vida 2. Espiritualidade 3. Jesus Cristo – Ensinamentos  
4. Santa Cruz 5. Vida cristã I. Título.

07-1439

CDD-248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida cristã: Espiritualidade: Cristianismo 248.4

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:  
Associação Religiosa Editora Mundo Cristão

Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147 — Home page: [www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

Editora associada a:

- Associação de Editores Cristãos
- Câmara Brasileira do Livro
- Evangelical Christian Publishers Association

A 1ª edição foi publicada em abril de 2007.

Impresso no Brasil

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

07 08 09 10 11 12 13

## SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	7
<i>Introdução</i>	9
Parte 1 — O modo como vivemos	
1. Verdade	15
2. Transparência	43
3. Distrações	59
Parte 2 — A mente de Cristo	
4. A descoberta do Pai	79
5. Um coração misericordioso	89
6. A obra do reino	105
Parte 3 — O poder da cruz	
7. A sabedoria da ressurreição	131
<i>Epílogo: A revolução</i>	149



## AGRADECIMENTOS

É difícil se separar dos filhos. Em 1976, a Dimension Books publicou *Gentle Revolutionaries: Breaking Through to Christian Maturity* [Revolucionários moderados: Abrindo caminho para a maturidade cristã]. Cheio de paixão e convicção, eu queria mostrar como a igreja estava deixando escapar os pontos centrais sobre as boas-novas de Jesus para nós. Recentemente, quando me deparei com esse filho abandonado (já que o livro estava esgotado), descobri que ainda era importante que a igreja ouvisse essa mensagem.

Ao mesmo tempo, acredito que aprendi a expor as coisas com um pouco mais de graça e humildade do que fiz em meu tempo de juventude. Assim, com ajuda de Carla Barnhill e de meus amigos da Harper San Francisco, em especial Cindy DiTiberio, revisei, atualizei e fiz ajustes no antigo trabalho, de forma que agora ele está pronto, assim espero, para uma nova geração de leitores. Portanto, para aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, por favor, prossigam a leitura.





“É extraordinário o que um simples convite da Casa Branca pode fazer para entorpecer as faculdades críticas”, advertia o falecido Reinhold Niebuhr. Uma advertência grave! O privilégio de pregar para o presidente é tão prestigioso que a maioria dos clérigos usa a oportunidade para retribuir a gentileza. Em uma atmosfera de admiração mútua, a religião se dissolve num sorrisal verbal, e a pregação profética se torna praticamente impossível.

O pedido de outros cristãos para escrever um livro sobre a mente de Jesus traz armadilhas semelhantes, embora muito menos sofisticadas. Ao querer agradar a todos, fico muito tentado a escrever algo insípido, uma exposição crivada de clichês, metáforas torturantes e histórias sem sentido. Então todos ficarão felizes e gloriamente satisfeitos.

No entanto, este livro foi escrito a partir da crença de que Jesus Cristo viveu, morreu e ressuscitou para formar o povo santo de Deus, uma comunidade de cristãos que viveriam sob o domínio do Espírito; homens e mulheres que seriam tochas humanas acesas com o fogo do amor por Cristo, profetas e amantes inflamados com o Espírito ardente do Deus vivo. Oferecer uma obra inócua seria uma prostituição do evangelho, um insulto a Deus e um grave desserviço ao leitor.

Durante dois anos, tive o privilégio de viver com uma comunidade cristã conhecida como Irmãozinhos de Jesus e ver o tema deste livro se desenvolver nas tarefas mais simples do mundo comum. A vida de um irmãozinho tem como modelo a vida oculta de Jesus de Nazaré, os muitos anos que ele passou na obscuridade dedicada ao trabalho manual e à oração antes de embarcar no ministério público de pregar, ensinar e curar.

Passei os primeiros seis meses na pequena aldeia de Saint-Rémy, na França, a uns 150 quilômetros a sudeste de Paris. No inverno, recolhia esterco nas fazendas vizinhas e lavava pratos num restaurante local. As noites eram envoltas em silêncio, na adoração em ação de graças e na meditação das Escrituras. Os dias passavam num ritmo contínuo de envolvimento com o mundo e afastamento dele. Foi uma iniciação gradual rumo a uma vida contemplativa sem clausura e entre os pobres.

Nosso grupo de sete (dois franceses, um alemão, um espanhol, um eslavo, um coreano e eu) mudou-se para Farlete, outra pequena aldeia no deserto de Zaragoza, na Espanha. Nos 12 meses em que vivemos ali, passamos a amar o calor, a simplicidade e a profunda amizade de um remoto povoado espanhol com uma população de seiscentos habitantes. No verão, trabalhávamos de 10 a 12 horas por dia na colheita de trigo ou em trabalhos de construção, revezando turnos como cozinheiro na fraternidade e economizando dinheiro suficiente para comprar bebidas para a festa que marcava o fim da colheita.

Nossa harmonia com os aldeões era profunda porque não somente compartilhávamos a pobreza, a labuta, o pão amargo e a ansiedade sobre a colheita, mas também a alegria do nascimento de um bebê, pelas núpcias dos recém-casados e uma multidão de experiências menores tecidas na base da vida rural.

Durante o ano, muitas vezes ficávamos temporariamente sozinhos, retirados em uma montanha alta e rochosa que, além de

muito distante da vida urbana, também é um dos mais remotos eremitérios da Europa. Em muitas e longas horas de oração nas cavernas, eu percebia de uma nova maneira que o conhecimento redentor de Jesus Cristo substitui todo o resto, permitindo-nos experimentar uma liberdade que não é restringida pelos limites de um mundo que se encontra aprisionado.

Ao mesmo tempo, reconheci que muitas das importantes questões teológicas na igreja de hoje não são importantes, nem teológicas, e que, num tempo caracterizado (em algumas partes) pela confusão, encenações baratas e infidelidade, o que Jesus exige não é mais retórica, mas renovação pessoal, fidelidade ao evangelho e comportamento produtivo. Conforme disse o cardeal Paul-Émile Léger em seu adeus a Montreal: “O tempo de falar acabou”.<sup>1</sup>

Essa é a premissa fundamental em torno da qual os 230 discípulos que compõem os Irmãozinhos de Jesus organizam sua vida. Os irmãozinhos aprendem a separar o essencial do secundário e a perceber que esse modo particular de vida é simplesmente uma consequência exterior de um imenso, apaixonado e determinado amor à pessoa de Jesus.

Viver entre as mais pobres e desamparadas das pessoas como um trabalhador braçal, sem trajes clericais, passar dias e semanas no deserto em espontâneo louvor a Deus, comunicar-se através de valores de amizade que não podem ser comunicados pela pregação, tudo isso satisfaz não um desejo de novidade, mas uma compulsão de amor. Alguns poderiam chamar a isso loucura. Eu chamo de verdadeira sabedoria do Deus de amor.

<sup>1</sup> O cardeal Léger foi arcebispo de Montreal, Canadá, até 1967, quando renunciou a sua posição como príncipe da Igreja Católica e partiu para a África a fim de trabalhar com leprosos e crianças deficientes. Ele morreu em 1991. (N. da T.)



PARTE UM

---

O MODO COMO VIVEMOS



A narrativa evangélica sobre a purificação do templo é uma cena desconcertante (Jo 2:13-22). Ela nos apresenta o retrato de um Salvador enfurecido. O Cordeiro submisso de Deus que disse “Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração” (Mt 11:29) improvisou um chicote e circulou furiosamente pelo templo, destruindo bancas e mostruários, espancando os mercadores e dizendo: “Saíam daqui! Aqui não é o Wal-Mart. Vocês não transformarão um espaço sagrado num passeio de consumo! Mentirosos! Visitar o templo é um sinal de reverência a meu Pai. Fora daqui!”.

Ainda mais desconcertante é o amor intenso de Jesus pela verdade. Onde o dinheiro, o poder e o prazer mandam, o corpo da verdade sangra de mil feridas. Muitos de nós temos mentido a nós mesmos por tanto tempo que nossas reconfortantes ilusões e justificativas assumiram uma aura de verdade; nós as apertamos em nosso peito como uma criança aperta um ursinho favorito.

Não está convencido? Considere então um homem que cita o apóstolo Paulo sobre um pouco de vinho ser bom para o estômago ao falar de seu terceiro martíni no almoço. Ou a defesa veemente de um “cristão liberal” sobre a nudez em *O último tango em Paris*, a violência em *Pulp fiction* — *Tempo de violência* ou a cena de sexo

oral em *Garotos de programa* porque eles “se integram perfeitamente ao enredo e são realizações estéticas”.

Ou então o honesto diácono da igreja que aceita trapacear e sonegar em seus negócios porque “é o único modo de ser competitivo”. Ou todas as igrejas nas quais o delírio sobre a falta de culpa é uma realidade, a maestria na exegese bíblica é uma santidade, o tamanho da congregação é a prova de sua autenticidade e por aí afora. Não existe limite para as defesas que inventamos contra a transgressão da verdade em nossa vida.

A questão dolorosa que enfrentamos na igreja de hoje é se o amor de Deus pode ser comprado tão barato. O primeiro passo na busca da verdade não é a resolução moral de evitar o hábito da mentirinha — por mais desagradável que uma deformação de caráter possa ser. Não se trata de uma decisão sobre deixar de enganar os outros, e sim da decisão de parar de nos enganar.

A menos que tenhamos a mesma paixão inexorável pela verdade que Jesus demonstrou no templo, estamos destruindo nossa fé, traindo o Senhor e nos enganando. O auto-engano é inimigo da integridade, pois ficamos impedidos de nos ver como realmente somos. Ele encobre nossa falta de crescimento no Espírito da verdade, impedindo-nos de compreender nossa real personalidade.

Muitos anos atrás, testemunhei o poder do auto-engano reeditado de forma dramática no centro de reabilitação de alcoólicos de uma pequena cidade americana. O trecho é extraído de meu livro *O evangelho maltrapilho*. O cenário: uma sala de recreação ampla e de dois andares na orla de uma colina com vista para um lago artificial. Estavam lá reunidos 25 dependentes químicos. Nosso líder era um experiente conselheiro, hábil terapeuta e membro veterano da equipe. Seu nome: Sean Murphy-O’ Connor,<sup>2</sup> mas ele normalmente anunciava sua chegada dizendo:

<sup>2</sup>No original, “Croesus O’Connor”. (N. do R.)



— É ele mesmo. Vamos trabalhar.

Sean mandou que um paciente chamado Max assumisse a “cadeira de interrogatório” no centro do grupo disposto em “U”. Max, um homem franzino e de baixa estatura, era um cristão nominal, casado e com cinco filhos, proprietário e presidente de sua empresa, rico, afável e dotado de uma pose notável.

— Desde quando você tem bebido como um porco, Max? — Murphy-O’Connor havia começado o interrogatório.

— Isso é injusto — Max recolheu-se.

— Veremos. Quero saber da sua história com a bebida. Quanta cachaça por dia?

Max reacendeu seu cachimbo.

— Tomo duas Marias com os rapazes antes do almoço e dois Martins depois que o escritório fecha, às cinco. Depois...

— O que são Marias e Martins? — interrompeu Murphy-O’Connor.

— Bloody Marys: vodca, suco de tomate, uma pitada de limão e de Worcestershire, um toque de extrato de pimenta vermelha; e martínis: gim, extra-seco, gelado com uma azeitona e uma espremida de limão.

— Obrigado, Maria Martins. Prossiga.

— Minha esposa gosta de um drinque antes do jantar. Vicieei-a em Martíni há muitos anos. Claro que ela os chama de “aperitivos” — sorriu Max. — Vocês naturalmente entendem o eufemismo, não é verdade, senhores?

Ninguém respondeu.

— Como eu ia dizendo, tomamos dois martínis antes do jantar e mais dois antes de dormir.

— Um total de oito drinques por dia, Max? — quis saber Murphy-O’Connor.

— Exatamente. Nem uma gota a mais nem a menos.

— Você é mentiroso.

Sem se abalar, Max explicou:

— Vou fingir que não ouvi isso. Estou na ocupação há vinte e tantos anos e construí minha reputação em cima da honestidade, não da falsidade. As pessoas sabem que minha palavra é de confiança.

— Já chegou a esconder uma garrafa em casa? — perguntou Benjamim, um índio navajo do Novo México.

— Não seja ridículo. Tenho um bar na minha sala de estar maior que um traseiro de elefante. Nada pessoal, sr. Murphy-O'Connor.

Max sentia que havia recuperado o controle. Estava sorrindo.

— Você guarda bebida na garagem, Max?

— Naturalmente. Tenho de repor o estoque. Um homem na minha posição recebe muita gente em casa — o executivo arrogante havia reassumido.

— Quantas garrafas na garagem?

— Não sei dizer a quantidade com precisão. Assim, de improviso, eu diria dois engradados de Smirnoff, um engradado de gim Beefeater, algumas garrafas de bourbon e de uísque e um punhado de licores.

O interrogatório prosseguiu por mais vinte minutos. Max eximia-se e esquivava-se, minimizava, racionalizava e justificava seu hábito de beber. Finalmente, apanhado por um implacável interrogatório cruzado, ele admitiu que guardava uma garrafa de vodca no criado-mudo, uma garrafa de gim na mala para fins de viagem, outra no banheiro para fins medicinais e três mais no escritório para ter o que oferecer aos clientes. Ele trejeitava ocasionalmente, mas nunca perdia sua postura confiante.

— Senhores — sorriu Max, — acho que todos nós já nos demos o direito de dourar a pílula uma vez ou outra nessa vida — foi como ele colocou, dando a entender que apenas homens de envergadura podiam dar-se ao luxo de rir de si mesmos.

— Você é mentiroso — ecoou outra voz.

— Não é preciso ficar vingativo, Charlie — retrucou Max.

— Lembre-se da passagem do evangelho de João sobre o cisco no olho do seu irmão e a viga no seu. E aquela outra em Mateus sobre o roto falando do rasgado.

(Senti-me compelido a informar Max que a comparação entre o cisco e a tábua não se encontrava no evangelho de João, mas no de Mateus, e que a história do roto e do rasgado era um provérbio secular que não constava nos evangelhos. Senti, porém, que um espírito de presunção e um ar de superioridade espiritual haviam me envolvido de repente, como um nevoeiro. Decidi abrir mão da correção fraternal. Afinal, eu não estava em Hazelden fazendo uma pesquisa para um livro. Eu era apenas um bêbado incorrigível como Max.)

— Tragam-me um telefone — disse Murphy-O'Connor.

Um telefone foi trazido num carrinho para a sala. Murphy-O'Connor consultou um bloco de notas e discou um número interurbano para a cidade de Max. O receptor era amplificado eletronicamente, de modo que a pessoa do outro lado da linha podia ser ouvida claramente por todos no salão do lago.

— Hank Shea?

— Ele mesmo. Quem está falando?

— Meu nome é Sean Murphy-O'Connor. Sou conselheiro de um centro de reabilitação de drogas e álcool no Meio-Oeste. Você se recorda de um cliente chamado Max? (Pausa) Ótimo. Com a permissão da família dele, estou pesquisando a história de Max com a bebida. Como você trabalha como barman nesse lugar todas as tardes, fiquei pensando se você saberia me dizer aproximadamente quantos drinques o Max consome por dia?

— Conheço o Max muito bem, mas você tem certeza de que tem permissão para me interrogar?

— Tenho uma declaração assinada. Pode falar.